

III ENECULT

TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CENTRO CULTURAL: TERRITÓRIO PRIVILEGIADO DA AÇÃO CULTURAL E INFORMACIONAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

por Luciene Borges Ramos¹

Resumo: *O presente artigo examina o papel dos centros culturais na Sociedade da Informação. Argumenta que, como uma evolução das tradicionais bibliotecas públicas, estes espaços constituem hoje o território privilegiado das ações culturais e informacionais. O centro cultural Galpão Cine Horto, em Belo Horizonte, é apresentado como um exemplo de atuação a serviço da “cultura viva”.*

Palavras-chave: Informação; cultura; centro cultural; ação cultural; ação informacional

INTRODUÇÃO

Desde o pós-guerra, o desenvolvimento e disseminação em larga escala das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) vem alterando os modos de produção, os padrões de competitividade, as organizações sociais e os modos de vida de indivíduos e grupos. O paradigma da Sociedade da Informação descreve as características fundamentais de nossa sociedade: globalização; organização em rede; compressão do tempo e do espaço; enfraquecimento do poder do Estado e aumento do poder regulador do mercado; expansão do setor de serviços, do lazer e do turismo.

Todos esses processos são formatados, influenciados e até mesmo determinados pelo uso das TIC's e pelo acesso às informações. A criação e distribuição de produtos culturais, assim como a fruição ou consumo destes, implica na elaboração, crítica, subversão ou reafirmação da cultura. Todas essas ações são atualmente realizadas com base no acesso à informação e ao conhecimento. Afinal, hoje, estar informado é o que conta.

À medida que a Sociedade da Informação e do Conhecimento e a globalização foram se desenvolvendo, o século XX assistiu à emergência de inúmeros centros de cultura nos países desenvolvidos, tendência que foi prontamente importada para países

¹ Mestranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, na linha de pesquisa Informação, Cultura e Sociedade. Coordenadora do Centro de Pesquisa e Memória do Teatro do Galpão Cine Horto. E-mail: lucienebramos@yahoo.com.br

como o Brasil, México e até mesmo Cuba. Na Europa, França e Inglaterra criam e incentivam a implantação de espaços culturais desde a década de 70, com a proposta de democratizar a cultura para além das tendências da cultura de massa. No Brasil, embora já houvesse o interesse nestes centros desde a década de 60, como coloca Teixeira Coelho (1996), essa tendência tomou corpo a partir dos anos 80, com a criação, na cidade de São Paulo, do centro cultural do Jabaquara e do Centro Cultural São Paulo, ambos financiados pelo Estado. Em Belo Horizonte, hoje, constatamos a presença de pelo menos 14 centros culturais², com perfis e públicos diferenciados. Aos poucos, cada casa traça um perfil e estabelece um tipo de relação com a cidade e uma política de ação.

Embora não haja um modelo definido de centro cultural, algumas características básicas possibilitam uma definição. Para Milanesi (1997), o que caracteriza um centro de cultura é “a reunião de produtos culturais, a possibilidade de discutí-los e a prática de criar novos produtos.”³ Esses espaços aglutinam atividades de natureza cultural, da ordem da criação, reflexão, fruição, distribuição de bens culturais.

Esse artigo pretende compreender a atuação dos centros de cultura na sociedade contemporânea. Se a informação é a mola propulsora da nossa sociedade e, conseqüentemente, de nossa cultura, argumentamos que os centros culturais, sendo espaços criados com a finalidade de se produzir e se pensar a cultura, tornam-se o território privilegiado da ação cultural e da ação informacional na Sociedade da Informação e do Conhecimento.

INFORMAÇÃO: FORMA E FUNDO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

A sociedade atual tem como característica principal a centralidade do conhecimento e da informação, que se tornaram fonte de produtividade e poder. Para Milton Santos (1994), o que marca o momento atual é “o papel verdadeiramente despótico da informação”.

No mundo contemporâneo, a informação corresponde a uma maneira de construir a cultura. Segundo Marteleto (1994), a cultura é construída pelos agentes e instituições sociais em constante interação baseada na produção, difusão, recepção e

² Centro de Cultura de Belo Horizonte, Centro Cultural do Alto Vera Cruz, Centro Cultural Lagoa do Nado, Centro de Cultura São Bernardo, Centro Cultural Pampulha, Casa do Baile, Centro de Cultura Zilah Spósito, Centro Cultural Liberalino Alves, Centro de Cultura Nansen Araújo, Centro Cultural da UFMG, Casa Fiat de Cultura, Instituto Moreira Sales, Fundação Clóvis Salgado, Galpão Cine Horto.

³ MILANESI, Luis. A casa da invenção. Ateliê Editorial. São Caetano do Sul, 1997. p 28

apropriação de bens simbólicos. Este processo se dá atualmente através do compartilhamento de informações. Hoje, o aprendizado do mundo é realizado não por uma relação direta, mas antes, mediado pelas informações que ordenam nossa cultura e dão sentido à nossa relação com o mundo. Ao mesmo tempo em que as informações são geradas, preservadas e transmitidas através da cultura, a produção e reprodução dos artefatos culturais, em nossa sociedade, se dá a partir do modo informacional.

Em se tratando da dimensão sociológica da cultura, definida por Botelho (2001) como o circuito artístico-cultural organizado, hoje os agentes culturais se organizam em torno a um processo longo, que vai desde o surgimento da obra até o seu consumo pelo público. A autora Linda Rubim (2005) descreve a organização do circuito cultural na sociedade contemporânea: a etapa da criação é propriedade dos intelectuais, artistas e criadores; a etapa que inclui a transmissão, difusão e divulgação da cultura, é delegada aos profissionais da comunicação; a parte da preservação cultural, a arquitetos e profissionais da informação, como bibliotecários, museólogos e arquivistas; a área de reflexão e investigação reúne críticos, pesquisadores e estudiosos; a gestão da cultura fica a cargo de administradores e economistas, aos quais somam-se, agora, os especialistas em gestão cultural; enquanto que a organização da cultura é delegada ao produtor cultural. Dado o lugar de centralidade que a informação ocupa nas práticas sociais contemporâneas, ela perpassa todas as atividades realizadas dentro do sistema cultural, conforme descrito pela autora.

Nesse contexto em que o desenvolvimento e difusão generalizada das TIC's na Sociedade da Informação transformaram a informação em instrumento de mediação entre o homem e a realidade, cultura e informação se aproximam e inter-relacionam. A informação torna-se matéria-prima para a elaboração da cultura. Ao mesmo tempo, a base de toda atividade cultural, segundo Milanesi (1997), passa a ser a disponibilidade de informações. Para o autor, a cultura “é uma ação contínua que trabalha com a informação, a descoberta, separando a essência da aparência, desordenando a ordem convencional, criando um novo conhecimento. A informação é o fio e a Cultura, o tecido”⁴. Os centros culturais, instituições criadas para se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos ganham, assim, o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídio às ações culturais.

CENTROS DE CULTURA: UMA INVENÇÃO CONTEMPORÂNEA?

⁴ ibidem. p.127

A história dos centros de cultura no Brasil é recente. Não se falava no assunto até que os países do primeiro mundo começassem construir estes espaços. A iniciativa pioneira da França, com a construção do Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou, inaugurado em 1977, serviu de modelo para o resto do mundo. Em nosso país, o movimento de criação dos centros de cultura iniciou-se na década de 80 e teve um crescimento vertiginoso nos últimos vinte anos, provavelmente, vinculado às possibilidades de investimento através de benefícios fiscais concedidos pelas leis de incentivo à cultura.

Mas as origens desses espaços podem estar bem mais distantes do que parece. Ao buscar essa origem remota, autores como Silva (1995) e Milanesi (1997) apontam para a um modelo de complexo cultural existente na Antiguidade Clássica, do qual a Biblioteca de Alexandria seria o mais conhecido. A Biblioteca de Alexandria ou “museion”, constituía um complexo cultural formado por palácios reais que agregavam diversos tipos de documento com o objetivo de preservar o saber existente na Grécia Antiga nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia, etc. O espaço funcionava como um local de estudos junto a um local de culto às divindades e armazenava estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos. O complexo também dispunha de um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico. Os centros culturais contemporâneos significariam, assim, uma retomada destes antigos modelos.

“Provavelmente, discutia-se Cultura na Biblioteca de Alexandria. Sempre houve um espaço para armazenar as idéias, quer registradas em argila, papiro, pergaminho, papel ou cd-rom. Da mesma forma, o homem nunca deixou de reservar áreas para trocar idéias. Por uma convergência de fácil explicação, área para armazenar documentos e para discutir, inclusive discutí-los, passou a ser a mesma. Por isso, a Biblioteca de Alexandria pode ser caracterizada como o mais nítido e antigo centro de Cultura”.⁵

Teixeira Coelho (1986) descreve o momento histórico que deu origem aos centros culturais, utilizando o conceito de “ação cultural”. Segundo o autor, no século XIX foram criados os primeiros centros de cultura ingleses, chamados de centros de arte. Estes espaços já assumiam a prática da ação sócio-cultural que foi privilegiada pelas políticas culturais dos países socialistas europeus no século XX. Mas, somente no

⁵ *ibidem*. p.77

final da década de 50, na França, foram lançadas as bases do que contemporaneamente entendemos como ação cultural.

Na França, os centros culturais surgem como uma opção de lazer criada para atender aos operários franceses. A valorização do lazer por parte das indústrias e empresas francesas gerou novas relações de trabalho e a preocupação de se criar áreas de convivência, quadras esportivas e centros sociais. Segundo Silva (1995), o reflexo destas idéias chegou até as bibliotecas e os centros dramáticos, transformando-os em casas de cultura. Este movimento culminou na criação do “Centre National d’Arte et de Culture Georges-Pompidou”, que influenciou a criação de espaços semelhantes em muitos outros países.

Além da valorização do lazer, o que os autores apontam como causa do surgimento desses espaços foi a necessidade provocada pelas novas tecnologias de um modelo de instituição informacional que substituísse as antigas bibliotecas. Os centros culturais surgiram como esse modelo alternativo que foi sendo desenhado e experimentado em diversos lugares do mundo. São, portanto, uma evolução das tradicionais bibliotecas, como explicita Cardoso e Nogueira (1994):

“O entendimento da cultura como processo se fazendo no cotidiano da existência dos homens juntamente com a percepção da explosão informacional da contemporaneidade, impulsionaram a criação de inúmeros centros de cultura por todo o mundo. Originando-se em coleções bibliográficas, tais centros buscam responder às exigências da sociedade atual: as bibliotecas modernas ultrapassam seus objetivos e acervos tradicionais ligados à leitura da palavra impressa e se projetam em direção às formas mais diversas de interpretação e representação do mundo”⁶

Ao mesmo tempo em que os centros culturais surgiam como um modelo capaz de substituir as bibliotecas, estas se modernizaram, adquirindo novos espaços físicos e desenvolvendo novas ações. As duas instituições, hoje, são bastante semelhantes em forma e função. É o que observa Botelho (2003): “A maioria das bibliotecas têm ações que ultrapassam suas obrigações tradicionais. (...) Percebe-se um esforço de se responder a demandas mais amplas do que simplesmente colocar livros à disposição de consulentes, funcionando, em alguns casos, como pequenos centros culturais”⁷. Por isso, desde o início dos anos 90, o caminho que se afigura é o do espaço polivalente,

⁶ CARDOSO, Ana Maria e NOGUEIRA, Maria Cecília D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, BH, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994, p. 205

⁷ BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. v.23. n.43-44. jan/dez, 2003. p. 6

que integra o acesso ao conhecimento às ações de discussão, criação de novos conhecimentos e difusão de novas informações. De um lado, as bibliotecas funcionam como centros de cultura e de outro, os centros culturais apóiam-se em sua origem para desenvolver ações de cunho informacional, antes restritas às bibliotecas.

A AÇÃO CULTURAL E A AÇÃO INFORMACIONAL NOS CENTROS DE CULTURA

Quando pensamos nos modelos de centros culturais, museus e bibliotecas espalhados pelo mundo, é possível observar uma tendência atual para o acúmulo de funções, o uso da tecnologia de forma a propiciar a criação de ambientes interativos e a espetacularização da cultura e da arte. Cenni (1991) conta que as exposições interativas tornaram-se a grande moda nos grandes museus e que, nos Estados Unidos, elas parecem competir com a Disneylândia. Na Bélgica, um grande centro de cultura oferece a seus “clientes” piscinas e até cabeleireiros. Ao mesmo tempo, as grandes lojas do Japão promovem exposições de arte em suas dependências e nos Estados Unidos, museus instalam obras de seus acervos particulares nos saguões de shoppings-centers. Se hoje, como coloca o autor, qualquer *hall* de banco é chamado de centro cultural e qualquer ante-sala é considerada uma galeria, o que caberia aos centros culturais nesse contexto no qual tudo, em princípio, pode acontecer em todos os lugares?

Para Milanesi (1997), a cultura de massa não precisa de uma casa, pois ela já adentra nossas casas cotidianamente através dos meios de comunicação de massa. A cultura que precisa de uma casa é a cultura da inovação, de descoberta, de desvelamento da realidade. Para Teixeira Coelho (1986), os centros culturais são espaços para se fazer a *cultura viva*. Para o autor, não há uma cultura popular, outra de massa e outra erudita; o que há é uma cultura morta e uma viva. Uma cultura *viva* é construída pelos próprios sujeitos, em interação com outros sujeitos, com a obra de arte, com a informação; inseridos em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico. Sejam quais forem as condições de atuação, o centro de cultura deve ser o por excelência da ação cultural. Como coloca Cardoso (1994), “território da cultura representada, vivenciada, experimentada, saboreada: centros de cultura”⁸.

No Dicionário Crítico de Política Cultural, o autor define o verbete *ação cultural* como “processo de criação ou organização das condições necessárias para que as

⁸ CARDOSO, Ana Maria e NOGUEIRA, Maria Cecília D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, BH, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994, p. 205

pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura”⁹. A *cultura viva* é aquela que resulta dessa ação.

A ação cultural pode ser considerada como um processo de intervenção que utiliza o modo operativo da arte, com seu caráter libertário e questionador, para revitalizar laços sociais, promover a criatividade em grupo e criar condições para que ocorram elaborações e práticas culturais. Com base nessa premissa da cultura *viva*, Teixeira Coelho (1986) ressalta pontos importantes que devem orientar a ação cultural realizada por um centro ou casa de cultura.

Para o autor, o trabalho realizado pelo agente cultural ou instituição de cultura junto a um grupo deve democratizar o acesso à criação e facilitar o acesso à produção da cultura. O objetivo maior das ações de uma casa de cultura deve ser o de fazer com que as pessoas tomem consciência de si mesmas e do coletivo através da experiência criativa, coletiva e do contato com a arte.

A relação entre a casa de cultura e a cidade é também fundamental. Para o autor, não se pode fazer uma cultura distanciada da realidade na qual vivem os indivíduos e os grupos. O centro cultural deve se relacionar com a comunidade e os acontecimentos locais.

A ação cultural para uma *cultura viva* não focaliza o produto, mas o processo. Ela tem início claro, mas não tem um fim determinado nem etapas previamente estabelecidas; seu foco está em facilitar processos que visam formar sujeitos. A finalidade última da ação cultural, portanto, seria a construção da identidade cultural, instância que possibilita que o indivíduo se reconheça como um ser cultural, inserido em um espaço e um tempo determinados, e estabeleça vínculos efetivos com seu entorno. Nesse processo, é fundamental a qualidade do trabalho, não do ponto de vista técnica, mas do processual. Qualidade implica em comprometimento, dedicação, envolvimento e uma proposta clara. Para isso, os agentes culturais precisam ser profissionais qualificados, que sabem o que está em jogo quando se trabalha com a cultura.

Como instituições que nasceram e se expandiram no contexto da Sociedade da Informação, as casas de cultura também devem estar atentas às necessidades coletivas e formulações culturais características do mundo contemporâneo. Questões como globalização, identidade cultural e a importância da informação e do conhecimento estão na ordem do dia e devem estar contempladas nas ações e na própria maneira

⁹ COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997

como os espaços se organizam e atendem a seus usuários. Assim, os centros culturais devem atuar não somente como espaço de encontro, experimentação e reflexão, mas, também como equipamento informacional.

Uma das principais funções atribuídas por Teixeira Coelho (1986) a um centro de cultura é permitir a liberdade de chegar ao conhecimento e de discuti-lo. O acesso à informação, a amplificação da informação através da discussão e da análise, o registro e a preservação da informação, a construção de informações novas e a disseminação das informações construídas estão entre as muitas ações que devem ser realizadas no interior de uma casa de cultura. Pois, cultura e informação, no mundo contemporâneo, são duas faces de uma mesma moeda.

A ação informacional está implícita nas atividades culturais promovidas pelos centros de cultura. Para Teixeira Coelho (1986) e Milanesi (1997), os centros devem realizar ações que integrem três campos comuns ao trabalho cultural: criação, circulação e preservação. Para o primeiro campo, devem-se incorporar ações que visam estimular a produção de bens culturais. Devem-se promover oficinas, cursos e laboratórios; deve-se investir na formação artística e na educação estética.

Uma vez produzido o bem cultural este deve ser tornado público, através de uma política de eventos que possibilite a participação da sociedade. A circulação do bem cultural e da informação, de acordo com Milanesi (1997), cria novas demandas culturais e informacionais, e esta é uma condição básica do trabalho cultural. Para evitar que os eventos transformem a casa de cultura em espaço de puro lazer, o autor indica a necessidade de se atuar na formação de público para a recepção de bens culturais, através de oficinas e debates de linguagens artísticas.

O terceiro campo do trabalho cultural realizado por um centro de cultura é o campo da preservação. Depois de criado e tornado público, o bem cultural deve ser preservado, para garantir a manutenção da memória cultural daquela coletividade.

Os três segmentos do trabalho cultural apresentados — criação, circulação e preservação — têm no conhecimento e na informação sua matéria-prima. Da mesma forma, as demais funções a que se destinam os centros de cultura, como formação artística, estética e de público; fruição e recepção crítica de bens culturais; reflexão e construção da identidade estão ancoradas no acesso à informação. Por isso, Milanesi (1997) entende que os três verbos fundamentais a serem conjugados num centro de cultura são: informar, discutir e criar. Assim se dá, nestes espaços, o ciclo da ação cultural: o público tem acesso às informações, as elabora e discute para, finalmente,

criar seu próprio discurso, expressá-lo por meio de diversas linguagens expressivas e, sempre que possível, registrá-lo para possibilitar a uma ação cultural contínua e permanente.

O CENTRO CULTURAL GALPÃO CINE HORTO: TERRITÓRIO DA AÇÃO CULTURAL E INFORMACIONAL

Centro cultural criado e gerenciado pelo Grupo Galpão de teatro, o Galpão Cine Horto abriu o ano de 2007 com as comemorações de seus “10 anos de ação”. O slogan escolhido pela equipe destaca daquilo que tem orientado a política do espaço desde sua criação: a ação cultural promovida através de diversos projetos e uma programação de atividades contínua e intensa que têm no teatro o seu foco principal.

Segundo relato de Chico Pelúcio, coordenador do espaço por oito anos, o centro cultural nasceu de uma demanda interna do Grupo Galpão por atividades extras que permitissem compartilhar experiências, transmitir conhecimento e desenvolver projetos pessoais. Assim, o Grupo assumiu a reforma e ocupação de um antigo cinema desativado, situado numa região periférica da cidade, possibilitando a restauração de um vínculo original daquela edificação com a cultura e revitalizando culturalmente o seu entorno.

A primeira ação realizada pelo Grupo antes de abrir o espaço para o público, já indicava uma tendência que se solidificou com o tempo: a de agregar pessoas e idéias. O Grupo Galpão promoveu um encontro entre artistas locais, supervisionados por profissionais convidados, para discutir o projeto do centro cultural e formatarem juntos uma proposta de ação efetiva.

“eu já tinha feito uma pesquisa e já sabia da existência de vários centros culturais reformados, bonitos fisicamente, mas que não tinha gente, não tinha projeto. Então, de cara a gente sabia que para isso aqui ter algum sentido precisava ter idéias e gente”¹⁰.

Desse encontro, cujas atividades incluíam grupos de discussão e a prática de oficinas, foi pensado o projeto que até hoje, dez anos depois, é o “carro-chefe” da casa: o Oficinão.

Após muitas reformas no espaço físico e dez anos de trabalho gerando projetos novos a cada ano e fortalecendo os antigos, o Galpão Cine Horto é hoje um centro cultural que abriga em suas dependências um teatro multimeios, duas salas para aulas e

¹⁰ Relato de Chico Pelúcio, ator do Grupo Galpão e Coordenador do Galpão Cine Horto de 1997 até 2005, em entrevista concedida em janeiro de 2007 para pesquisa de mestrado sobre o centro cultural.

ensaios, um teatro de bolso e o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro. A casa desenvolve projetos na capital e no interior de Minas, com os quais atua nas áreas de formação técnica e artística; aprimoramento profissional; criação, fruição, disseminação e preservação de bens culturais; produção, disseminação e troca de informação e conhecimento, além da formação de público.

No campo da criação e pesquisa artística, o projeto Oficínio reúne atores e diretores em torno à pesquisa de um tema específico que culmina na montagem de um espetáculo. Durante três anos, esse projeto foi complementado pelas Oficinas de Direção e Dramaturgia que, mais tarde, transformaram-se em um projeto de experimentação dessas funções chamado Cena 3x4. A importância desses cursos é destacada por Fernando Mencarelli, professor do curso de Artes Cênicas da UFMG:

“Esses núcleos trabalharam ao longo desses anos... Uma série de pessoas que hoje desenvolvem uma série de atividades, seja na universidade, seja junto aos grupos, ou nas escolas com o impulso inicial desses núcleos”¹¹.

Também na área da criação, fruição e disseminação de bens culturais, a casa realiza o Festival de Cenas Curtas, que já está em sua oitava edição. Há também o projeto Cine Horto Pé na Rua, de estímulo ao teatro de rua, que produz espetáculos anualmente.

No campo da disseminação de bens culturais, o Galpão Cine Horto promove o projeto Galpão Convida, no qual companhias de teatro relevantes de outros Estados são convidadas para ministrar oficinas e apresentar espetáculos em Belo Horizonte. Ao lado dessa ação, o centro cultural apóia o desenvolvimento de projetos de outras companhias, festivais de teatro e um programa televisivo especializado em artes cênicas. Além disso, o teatro multimeios fica ocupado durante todo o ano com produções internas e de terceiros.

A ação de formação artística, além do Oficínio, acontece através dos Cursos Livres, coordenados pelo Núcleo Pedagógico da casa. Mencarelli dá sua impressão sobre os cursos.

“os alunos vinham, ficavam um ano, dois anos, não queriam sair e as professoras acabaram criando etapas novas, estágios novos, projetos novos, por uma demanda dos

¹¹ Relato do prof. Dr. Fernando Mencarelli, do Curso de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFMG. Assessor Pedagógico do Galpão Cine Horto através de parceria entre as duas instituições. Entrevista concedida a esta autora para a pesquisa de mestrado sobre o centro cultural em janeiro de 2007.

próprios alunos que não queriam sair da casa. (...) Então você via aquela coisa rica, fértil, uma demanda grande, uma pulsão ali de criação, aprendizado.”¹²

Como ação de formação de público, o Galpão Cine Horto desenvolve o Projeto Conexão Galpão, que conta a história do cinema, do teatro e de Belo Horizonte para crianças da rede escolar pública e privada local através de pequenos espetáculos. Esse projeto recebe cerca de 10.000 crianças por ano.

Mesmo entendendo que essas ações culturais têm um componente de ação informacional, como explicitado pelos autores aqui citados, o Galpão Cine Horto desenvolve projetos orientados especificamente para a difusão de informações, como a Revista Subtexto, publicação anual especializada em teatro distribuída para 14 Estados brasileiros, e o projeto Sabadão, que promove palestras com profissionais convidados. O centro cultural também foi responsável pelo Redemoinho, encontro nacional de grupos e espaços de teatro que deu origem à rede Redemoinho, que articula profissionais do teatro de todo o país em um fórum de discussão permanente virtual e um fórum presencial anual.

Ao lado desses projetos, o centro cultural é responsável pelo Centro de Pesquisa e Memória do Teatro, uma iniciativa pioneira em Minas Gerais, que armazena, organiza e disponibiliza um acervo especializado em teatro, arte e cultura para o público interessado. O CPMT reúne uma biblioteca, uma videoteca e um acervo iconográfico, uma sala de estudos e equipamentos multimídia disponíveis para uso. Conta com um banco de dados acessível pela internet e serviço de empréstimo domiciliar. É responsável também pela guarda da memória do Grupo Galpão e do Galpão Cine Horto, além dos registros dos eventos que acontecem na casa. Com pouco mais de um ano de inauguração, o CPMT conta com mais de 100 sócios assíduos e atende a grupos de diversas instituições.

Como é possível perceber através da descrição das atividades, o centro cultural tem uma programação intensa, voltada para a formação e o fomento ao teatro. Essa delimitação de área — o teatro — ao invés de restringir a atuação do espaço, ao contrário, impulsiona sua efervescência. Em primeiro lugar, porque a execução dos projetos conta com a experiência teatral viva dos integrantes do Grupo Galpão, como sugere Teixeira Coelho (1986) ao falar da qualificação dos dirigentes de uma casa de cultura. Em segundo lugar, porque a casa tem um público fiel interessado na área, com o qual compartilha um entendimento sobre teatro, como ressalta Mencarelli:

¹² ibidem

“Um tipo de fazer teatral onde a continuidade é fundamental, onde a investigação, a formação contínua, o sentido ético da sua produção está colocado. Então, são aspectos que criam uma espécie de comunidade de artistas que partilham princípios e tem maior interesse por esse tipo de ação”¹³

E, por último, o recorte permite o desenvolvimento de um perfil de atuação particular, fundamentado na experiência do teatro de grupo, como coloca Chico Pelúcio:

“Uma coisa importante pra falar é que atrás de todos os projetos (...) sempre teve uma orientação de uma experiência coletiva, uma experiência de grupo. Os valores, a ética, o processo de criação, a sala de trabalho, a relação com o mundo externo (...) a gente sempre teve uma preocupação de beber ou de proporcionar uma experiência de grupo, coletiva, compartilhada, colaborativa, enfim...”¹⁴

Contando com a presença do público, a participação dos artistas e estudantes de teatro, a colaboração de diversos profissionais e o envolvimento da equipe e dos usuários, o Galpão Cine Horto atualmente têm uma inserção significativa no cenário artístico-cultural de Belo Horizonte, recebendo cerca de 50.000 jovens e adultos anualmente em sua programação.

Quando pensamos nos projetos desenvolvidos no Galpão Cine Horto e articulamos com aquilo que os autores propõem em termos de ação cultural e informacional para os centros de cultura, percebemos uma casa *viva*, dinâmica, que exerce seu papel de forma autônoma e comprometida. O centro cultural do Grupo Galpão é um exemplo concreto da capacidade que têm esses espaços para agregar pessoas e idéias e para realizar ações que efetivamente possibilitam ao seu público usuário a experiência de uma *cultura viva*, feita no cotidiano dos indivíduos, com seus próprios recursos, a partir do aprendizado, da fruição, da elaboração, da criação de bens culturais. A dimensão dessas realizações não deixa dúvida: os centros culturais constituem o território privilegiado das ações culturais e informacionais na sociedade contemporânea, promovendo “algo que se faz com, ao lado de, por dentro, desde a raiz — um processo que só tem sujeitos, que forma sujeitos. (...) a contínua descoberta, o reexame constante, a reelaboração: a vida”.¹⁵

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ COELHO, Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124p

BIBLIOGRAFIA

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo em Perspectiva, 15(2) 2001. p. 73-83

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. *Revista Espaço e Debates*. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. v.23. n.43-44. jan/dez, 2003.

CAMPOS, Shirleti Amorim. As bibliotecas públicas são centros culturais ou os centros culturais são o milagre do século?1995. 104p. Dissertação de mestrado em Memória Social e Documento - Centro de Ciências Humanas - UNI-RIO.

CARDOSO e NOGUEIRA, Maria Cecília D. Projeto de implementação do Centro de Cultura de Belo Horizonte. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, BH*, v.23, n2. p.203-216, jul/dez. 1994

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p. (A era da informação : economia, sociedade e cultura;1)

CENNI, Roberto. Três centros culturais da cidade de São Paulo. 1991. 334p. Dissertação de mestrado – Escola de Comunicações e Artes - USP

COELHO, Teixeira. Usos da cultura: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 124p.

COELHO, Teixeira. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94p. (Coleção Primeiros Passos, 216)

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Thompson, K. (org.) *Media and Cultural Regulation*. Inglaterra, Open University, 1997, cap. 5 (localizado no sítio: www.educacaoonline.pro.br)

MARTELETO, Regina. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, BH*, v.32, n2. p115-137, jul/dez. 1994

MILANESI, Luis. A casa da invenção. Ateliê Editorial. São Caetano do Sul, 1997.

NASCIMENTO, Flávio Martins e. Ação e informação em centros culturais: um estudo sobre o Instituto Tomie Ohtake. Dissertação de mestrado. PUC Campinas, Campinas, 2004.

PERÉZ-RIOJA, Jose Antonio. Las casas de cultura. Madri: 1971. 107p.

RUBIM, Linda. Produção cultural. In: RUBIM, Linda (org) Organização e produção da cultura, EDUFBA, Salvador, 2005.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal. RJ, SP: Ed. Record, 2000

SILVA, Maria Celina Soares. Centro cultural – construção e reconstrução de conceitos. 1995. Dissertação de mestrado em Memória Social e Documento - Centro de Ciências Humanas - UNI-RIO.

YUDICE, George. A Conveniência da Cultura: usos da Cultura na era global. Trad. de Marie-Anne Kremer. BH: Editora UFMG; 2004